

SUL-AMERICANO

Anno II

ESTADO DE SANTA CATHARINA

N. 16

— "O" —
DOMINGO, 11 DE FEVEREIRO DE 1900

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Tres mezes 2\$000

Numero avulso \$200

PELO CORREIO

Seis mezes 4500

PROPRIETARIO

Francisco d'Assis Costa

REDACTORES DIVERSOS

Transwaal

(Escripto expressamente para o Sul-Americano)

II

Cem annos depois (1685) rara era a pessoa que, em Kapstadt, entendia francez.

Os representant's das raças que habitavam Kapstadt, se differenciavam pelas occupações que tinham!

Não se pense, porém, que esta colonisação que ia se estendendo, ganhando terreno, era protegida pela companhia.

Ao contrario. A companhia dispensava mais attenção á Java, do que a Kapstadt, porque supunha não passar esta de um areal sem valor, pretendendo fazer d'ella um ponto onde se os navios se abastecessem e fazer pequenas transações com os naturaes do paiz.

A colonia, por conseguinte, desenvolveu-se por força propria, adiantando-se principalmente no rumo de este.

A companhia Niederland Ost-Indica tornou-se poderosa.

Dahi, desse poder illimitado, ella estabeleceu que todo o territorio annexado a Kapstadt lhe pertenceria sendo os colonos simples locatarios.

Kapslapt foi dividida em districtos, sendo collocado, em cada um delles, pela companhia, um governador, a que chamavam Landrost.

Os habitantes de Kapsdapt, que procuravam dilatar o territorio, internando-se pelos sertões, tiveram que lutar, não só com os naturaes do paiz, (Hottentotes, e Cafres) como com as feras que habitavam as mattas.

Em 1659 os povoadores de Kapslapt são assaltados pelos Hottentotes, que roubam grande numero de rezes.

Esse assalto, covardemente executado, deu lugar a uma guerra de extermínio entre os novos povoadores e os naturaes do paiz.

Aquelles, vivendo sempre em sobresalto, temendo a traição, não tinham moradia fixa.

Grandes carros foram então construidos e nelles se ins'allavam as familias.

Esses carros eram puxados por tres ou quatro untas de bois.

D'esse viver incommodo resultou a falta de pastos para os annimaes, que, não só por isso, como pela peste, succumbiam aos centenares.

Quando o inimigo, sempre traiçoeiramente, atacava os Buren, estes, com pres'eza admiravel, collocavam os carros em forma de circulo, para melhor se defenderem dos assaltantes.

Na parte de traz dos carros levantavam altas pilhas de pranchões, atraz das quaes ficavam as mulheres, creanças e velhos.

Emquanto os homens faziam fogo pelas aberturas, adrede feitas nos carros, as mulheres carregavam as armas, com chumbo em pedaços.

Os naturaes do paiz, que só dispunham de lanças e flechas, jamais obtinham vantagens sobre os Buren que, na defensiva, derrotavam os inimigos.

Essa tremenda guerra durou 10 annos, com interpoações.

IV

Homero, no seu immortal poema a *Illiada*, canto 11.º, pinta uma scena em que os estabulos são assaltados pelos feras.

Em Kapsdapt, durante a guerra, os leões e os leopardos, famintos, vinham, á noite, fazer preza no gado, que pacificamente pastava.

Ainda hoje em Limpopo e nas margens do rio Tugela, encontram-se leões e leopardos e crocodilos enormes.

Quantas e quantas vezes é ainda hoje arrastado pelo crocodilo, o boi que, nas aguas do Tugela, sacia a sede?

Os Buren que, de preferencia, se entregam á lavoura, gostam tambem de dar caça ao bufalo, aos antiloes, ás girafas e ás avestruzes. Ao elephante e camello, que bons serviços podiam prestar-lhes, pouca importancia legam os *buren*.

O elephante habita o norte de Limpopo e o camello é ainda hoje encontrado em todo o Transwaal.

Cumprimentos

Fez annos ante-hontem, mademoiselle Etelvina Gonçalves.

Faz annos hoje o cidadão Euclides Schimidt, gerente do gabinete typographico da Livraria Moderna.

Fazem annos depois de amanhã, ás gentis senhoritas Maria Carolina e Clara Rosaleta de Souza, filhas do nosso distincto collaborador José Brasilicio de Souza, lente de Historia e Geographia do Gymnasio Catharinense.

Revista Catharinense

Temos presente o n. 1 d'esta folha, que se publica na capital federal e que tem por fim a defeza dos interesses do nosso Estado.

São seus collaboradores os srs. conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcelino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Nestor Passos.

O summario é variado:— Porque? (artigo de apresentação); Janua Coeli (poesia de Luiz Delfino); O porto de S. Francisco do Sul; Arsenaes, por T. N. de Almeida; Um appello; Soneto, de Roulel; Double zero, de G. S.; O feminismo; Tarifas differenciaes; Traços.

Damos a seguir o artigo PORQUE? em que estão consubstanciados os fins do novo organo da imprensa.

Saudamos a *Revista Catharinense* e longa vida lhe desejamos para pugnar sempre, como promete, pela nossa querida terra natal.

PORQUE?—Nada existe sem razão. *Ubi effectus, ubi causa.*

O titulo que adoptamos dispensa de alguma forma, o porque do nosso apparecimento. Não abusaremos, porém, dessa franquia. Ao contrario: obediétes á praxe faremos tambem a nossa apresentação.

Surgimos como necessidade e como obrigação. Necessidade de destruir o quasi emparedamento em que vive, para uma grande parte dos nossos concidadãos, o pequeno Estado de que somos filhos. Necessidade de concorrer com um contingente, pequeno embóra, para a divulgação dos thesouros de que é repositório precioso o pequeno pedaço do Brazil, onde revivem a cada instante as glorias dos nossos maiores, a par das mais gratas recordações que nos é dado guardar. Necessidade de fazer conhecidos os progressos que a mão do homem soube imprimir á obra da natureza prodiga. Necessidade de mostrar ao capital intelligente que não escasseia campo ao seu emprego, ali onde a fertilidade prodigiosa vive em consorcio indissolúvel com as maravilhas da criação. Obrigação, somos a effectividade de uma das disposições da Lei organica do «Centro Catharinense» e a realisação do dever cívico que nos impõe o concurso ao engrandecimento da terra santa que nos foi berço.

★

Grandes, comprehendemol-o bem, serão as contrariedades a tolher-nos o passo. Maiores os louros, mais respeitáveis os destroços dos porventura tomados na lucta.

A' indifferença responderemos com a fé patriótica que nos dá a certeza do futuro grandioso destinado a S. Catharina. A' má vontade opporem energias que desfallecem apenas uma vez, mas para sempre.

Para nós a lucta é condicção essencial da vida.

A' serenidade das calmas podres, que no seu remanso escondem a morte traçoeira, preferimos o choque vivo das ondas irrequietas, quebrando-se, animadas, no embate das paixões.

Luctaremos sempre. Alentados pelo nosso ideal, animados pela nossa crença, os interesses catharinenses terão na *Revista* um paladino incondicional.

Vencedores, satisfar-nos-á a consciencia do dever cumprido até o sacrificio.

Vencidos, attenuará o nosso pezar sobermos que connosco soffre a maioria dos nossos patriotas.

Não nos animam intuítos secundarios. O bem estar da nossa patria é tudo para nós, e acima de tudo o collocaremos.

Com essa orientação não olharemos interesses menores, quando nos seja dado opinar sobre os factos.

Laços de partidarismo, collectivamente, não temos.

Livres no cumprimento da nossa missão, certo, preferimos essa situação independente, a procurar nos meandros da politica as inspirações nem sempre dignas, nem sempre oriundas de citações patrióticas. Assim orientados, é natural que melhor possamos levar a termo o nosso empenho. Assim orientados, poderemos ter as nossas columnas firmes a todos os credulos na predestinação do nosso Estado. Assim orientados, faremos da *Revista* um instrumento de progresso, manejavel por todos. Assim orientados, não é impossivel — e oxalá possamos! — conseguirmos reunir na mesma direcção, convenientemente applicadas, forças até hoje separadas por acontecimentos que não nos compete esmiuçar. Congraçar na mesma tenda alva da paz, sob a mesma inspiração, com o mesmo objectivo, todos os nossos concidadãos, seria o maior serviço a prestar ao Estado de S. Catharina, victima, talvez sem razão plausivel, de dissensões que é preciso fazer desaparecer.

Em traços geracs, eis o nosso programma, cuja execução nos vai custar o maximo esforço.

Mais particularmente, outros compromissos nos prendem. Nascida a *Revista* no seio de uma associação de catharinenses, naturalmente inseparaveis são os destinos de ambas. Vivem uma da outra, em perfeita symbiose, trocando elementos de vida, nutrin-do-se reciprocamente fortes.

Nem por isso, porem, o rumo que traçamos ao começar, será mudado:

O «Centro Catharinense» e a *Revista Catharinense* propugnarão pela prosperidade do nosso Estado.

O «Centro» e a *Revista* ampararão os desgraçados que, connosco, tiveram commum o primeiro sol.

O «Centro» e a *Revista* acobertarão sob a mesma bandeira da fraternidade os separados pelas luctas.

O «Centro» e a *Revista* serão o vehiculo de publicação do progresso catharinense.

O «Centro» e a *Revista* farão de intermediarios entre a nossa Terra Santa e o resto da Republica.

Logo, o «Centro» e a *Revista* se confundirão no mesmo esforço, nas mesmas conquistas, e os compromissos que os unem não desvirtuarão o nosso objectivo.

Para tudo quanto fica esboçado, imploramos apenas o concurso dos que, ligados ao nosso Estado por quaesquer laços, queiram ser os nossos Cyreneus no Calvario que iniciamos.

Pediremos em vão?

A REDACÇÃO

Suspendeu por algum tempo os seus trabalhos, por motivo de força maior, o G. D. P. *Pyritampos*, conforme a declaração que nos publicada em outro logar desta folha.

Caso grave

O *Kolonie Zeitung*, que se publica na cidade de Joinville, em suas edições de 16 e 18 de Janeiro e 1º do corrente occupouse de um facto ali occorrido e que carece de prompto e energico correctivo para que não ache echo em outros logares do Estado, jungindo-o á triste condição de mendigo e expondo-o ao desprezo de quem — em vez de respeitá-lo e amalo por dever de gratidão, — procura de prestigiar-nos perante a Europa.

Esse facto não só é uma punhalada nos nossos brios de brasileiros, como ataca o governo do Estado em termos de que o criterio e a seriedade de caracter nunca lançariam mão.

Por intervenção do padre Carlos Boergershausen, professor da 1ª escola publica d'aquella cidade, houve no dia 14 de Janeiro uma grande reunião para a fundação de uma sociedade protectora da mesma escola !!

N'essa reunião não foram poupadas imposições tresloucadas e deprimentes do nosso character de brasileiros, como exigencias absurdas e atrevidas em relação ao governo do Estado.

Houve até que n'aventasse a estúpida idéa de obrigar-se o governo a cumprir os seus deveres no que diz respeito á escola!

Risum teneatis!

Si a escola está pr enchida e funcionando, como sabemos, si o seu professor é pago regularmente, como tambem sabemos, — em que tem faltado o governo aos seus deveres?

Essa reunião, em que a gosto se nos enxovalhou e em que, sem reboço e sem um pouquinho do respeito que a boa educação determina, foi acremamente atacada a primeira autoridade do Estado, que, no caso, como já dissemos, não merece a menor censura, — funcionou sob a presidencia do proprio professor Carlos Boergershausen!

Na mesma reunião foi levantada uma subscrição para a fundação de uma escola publica

tranho em uma escola primaria que tem a sua obrigação limitada ao ensino do portuguez!

O fim de tal imposição, comprehende-se facilmente, é a annullação da nossa lingua, substituida por outra.

Pregou-se tambem na tal reunião e corre impresso na subscrição que somos nós — brasileiros, que devemos nos assimilar ao elemento estrangeiro aprendendo a sua lingua e adoptando os seus costumes!

O carro puxando os bois, a barquinha por cima do balão, a suppressão dos usos, costumes, lingua e grandes qualidades de um povo que está em sua casa pelos usos, costumes lingua e boas qualidades de extranhos!

Não faltava mais nada!

Isso tudo, si não é uma revolta contra as nossas leis e os nossos direitos, bem parece.

Aquelles que concorreram á tal reunião deram-se o pomposo Titulo de — cidadão de Joinville! — Joinville, pois, no entender d'elles, já não é uma parte do Brasil; — é uma nova nacionalidade!

O jornal que se occupa d'essas cousas extremamente contrarias aos bons sentimentos de gratidão, não é lido somente em Joinville, em Florianopolis, no Brazil; hade percorrer terras.

E o que dirão de nós, que juizo de nós formarão os que na Europa o lerem?

Ao sr. Inspector geral da instrucção publica, visto tratar-se de uma escola publica e de um professor publico, que permite e sanciona ataques aos poderes do Estado, compete syndicar do facto e para elle chamamos a sua attenção. S. S. verificará que o que acabamos de dizer ainda não menciona todas as delicadezas que foram dispensadas a nós brasileiros ao governo.

Embalada em

MUTILADO

ESTRELLINHAS

IX

A arte dramatica, desde remotos annos, tem merecido dos catharinenses a mais decidida predilecção.

Continuamente formam-se sociedades, umas com bons elementos, outras quasi sem elles, — mas todas animadas dos melhores desejos de bem corresponderem á expectativa dos frequentadores do theatro.

Entretanto, cumpre dizel-o, todas essas sociedades são sempre de curta duração.

O enthusiasmo que preside á sua formação é logo entibiado por pequenas dissencção intimas, e pelo mal entendido espirito de rivalidade que as enfraquecem e fazem-nas baquear dentro em pouco.

Entre nós, quando uma sociedade chega a dar uma duzia de récitas, pode ser considerada como centenaria.

Muitas vezes, quando estão vencidas as maiores difficuldades, quando está desbravado o caminho e que melhor se lhes torna, por consequencia, o progredimento, é justamente quando os seus elementos — por motivos futeis, — desaggregam-se, separam-se, desaparecendo o que se julgava solido e firme.

Apezar de tudo, porém, excellentes amadores temos tido e temos, que podem rivalisar com muitos actores que se apresentam como notabilidades.

Entre as sociedades de que de prompto nos recordamos, não podemos deixar de citar como modelos de união e possuidoras de pessoal verdadeiramente apto, a *Alvaro de Carvalho* e a *Cassino Catharinense*.

Essas sociedades montaram com o maior capricho, dando-lhes o mais cabal desempenho, peças escolhidas, como *Mestre de Forjas*, *Lenço Branco*, *Rescador do Baléas*, *Podr do Ouro*, *Intimos*, *Dalila*, *Honra de mi-*

Essas também temos tido, e cursos, chegaram a re-

Quanto a escriptores dramaticos catharinenses, conhecemos poucos — Alvaro de Carvalho, Ramos Junior, Lacerda Coutinho, Gustavo Pires, Nuno Gama, Arthur Livramento e Horacio Nunes.

De Alvaro de Carvalho, o bravo official da armada nacional, tem os dramas *Petro Martelli*, *Raymundo*, *Uma moça de juízo*.

Ramos Junior, que occupa hoje importante posição no functionalismo federal, escreveu os dramas *Julia* e *Supplicio de um homem* e a comedia *Pia do mocho*.

Lacerda Coutinho, medico, auctor do bello poema *Greenhaigh*, ha longos annos residente no Rio de Janeiro, escreveu a comedia *Quem de denha quer comprar* e outra de cujo titulo nos não lembramos.

Gustavo Pires, fallecido em 1881, e que exercia o cargo de 1.º escripturario da Directoria Geral da Fazenda, deixou-nos o drama *O Engeitado*.

Nuno Gama, intelligente e optimo amator, o a residente na Bahia, escreveu, entre outras, as comedias *Guaquina Rauliveira*, *Qui-pro-quo*, *Immigração Chinezca* e *Ninguém deixa o certo pelo duvidoso*, todas representadas e produzindo excellente effeito.

Arthur Livramento, capitão do exercito, fallecido ha pouco, deixou as seguintes comedias em 1 acto traduzidas do francez — *O n. 1259*, *Os ciurnes do capitão*, *Tal e qual ao meu sargento*.

Horacio Nunes, finalmente, que actualmente exerce o cargo de inspector geral da instrucção publica do Estado, escreveu os dramas *Dolores*, *Helena*, *Coração de mulher*, *O bem e o mal*, *O anjo do lar* e *Rosas e Goivos*, e as comedias *A prima*, *Os pretendentes*, *Grandes manobras*, *O idio'a*, *A sogra*, *Factos diversos* e *Ditos e feitos*, — peças essas que constituem o livro **BASTIDORES**, publicado em 1898 e que mereceu especial menção do *Paiz*, do *União Portuguesa*, da *Provincia do Pará*, da *Revista Moderna*, do *Escrinio* e de outros muitos jornaes. Além d'essas peças, o mesmo autor ainda conserva ineditas as comedias *Os coiós*, *O fim do mundo*, *Os raptos*, *O selio*, *O phantasma*, *Uma penca de mortes* e *Alma de gato*.

É, realmente, para lastimar que, havendo tanta

essas catharinenses para a arte dramatica,

MUTILADO